(Conclusão da página 3) nostalgia do lusitano fôra metamorfoseada em conquistas amorosas às evas de ébano, e o mestiço surgiu fatalmente, com raros elementos aborígenes... pois o selvícola era fugidivo e desconfiado... Das raças iniciais (o português e o negro, com RARISSIMOS índios) é que brotaram posteriormente os expulsos dos holandeses (veja, meu caro amigo), os BANDEIRANTES, os revolucionários de 1724, 48, os guerrilheiros dos Farrapos... ("Palavras Acadêmicas", página 215, Editora Francisco Alves).

Imagine, o bandeirante é, para A. Austregésilo, um produto afrobrasileiro!... Não quero citar outras barbaridades (como, por exemplo, a do boicote que, em seus livros, sofre o mameluco) por achar desnecessário tamanho trabalho com tão parcial narcisista. João Dornas Filho é por demais conhecido. Basta ler o livrinho da Guaira, a respeito da importância do negro na vida social. É puro caudatário de Artur Ramos, Rodrigues de Carvalho, Renato Almeida e outros.

Por falar em Renato Almeida, que também é afronegrista dos quatro costados, seria interessante ler a "História da Música Brasileira". Entre outras coisas, afirma: "Do índio, temos pouco. A sua influência, na música como em tudo mais, foi diminuta".

E assim são todos, ou quase todos, os afronegristas, principalmente os narcisistas. Tudo devemos ao negro, nada ao ameríndio. Para tapar-lhes a boca, bastaria o coeficiente vocabular, o folclore, a miscigenação intensa, etc.

Mais adiante, diz, o meu brilhante companheiro, que parece que sou companheiro de Euclides no reconhecimento das preexcelências mamelucas. Tal não se dá. Como todos poderão verificar, através de minhas aulas e de meus escritos, apenas combato a injusta preferência que se está dando aos estudos afronegristas, em detrimento do caboclo e do índio. Os bandeirantes, que eram predominantemente mamelucos ou caboclos, tinham grandes qualidades, como as tem, ainda hoje, os sertanejos do Nordeste, mórmente do Ceará.

O que não admito é que queiram, agora, colocar o mulato acima do mestiço lusameríndio. Se não era melhor, este último, também não posso concebê-lo pior, o que já cheirá a racismo às avessas, como está fazendo Gilberto Freyre, apesar do sangue índio que lhe corre nas veias.

Portanto, é tolice das maiores acreditar alguém em raças superiores ou inferiores.

Respondo-lhe, agora, quanto à pergunta e que é a última: Artur Ramos, não só afirma que o negro tomou parte nas bandeiras, como chegou ao absurdo de lhe consignar papel preponderante (baseado em Cassiano Ricardo). A página 570 da "Introdução à Antropologia Brasileira", 2.º volume, que o estimado colega diz conhecer tão bem, afirma: "O Negro tomou parte **preponderante** (o grifo é nosso) nas várias atividades das bandeiras, como no aprisionamento dos índios, condução dos mantimentos, etc...". Veja bem, página 570!

Resposta a uma pergunta semelhante: Artur Ramos diz: "Certamente, esses mestiços nordestinos, em quem é difícil

delimitar as quotas respectivas de sangue europeu, indígena e africano, não realizaram a mesma tarefa das bandeiras do sul. (Idem, página 413, edição de 1.947). Agora, como complemento, a contradição: "No século XIX processam-se as misturas do nordestino com os índios da região. De qualquer modo é o SANGUE INDIO (o grifo é nosso) que predomina, não só de extração nordestina (pois este é "caboclo" ou "mameluco") como dos índios mansos da região." (Página 573 do mesmo livro).

Está vendo? Artur Ramos contradiz Artur Ramos!... Acha, o amigo, que não há razão para nenhuma reação violenta contra a crítica de Artur Ramos. Concorde, e, como já lhe disse, fi-lo, mais premido pelas circunstâncias. Sou, até, de parecer que se deva fazer uma edição crítica de "Os Sertões". Mas, sem paixões afronegristas ou de qualquer outra ordem.

Que se encarregasse da mesma o Sr. Lynn Smith, por exemplo, ou Mestre Fernando de Azevedo. Concorde, também, que Euclides não fôsse antropólogo, porque, naquela época, não havia tal ciência, na verdadeira acepção da palavra.

E hoje, aqui no Brasil? Qual a sumidade, no assunto? Roquette Pinto é falso, pois, como sabe, as suas 2.000 fichas de conscritos controlam 52.000.000 de brasileiros! E Artur Ramos se baseia nele. Não mediu, não pesou e nem contou. Ora, estabelece uma coisa, ora, outra. Além disso, há também o fator psicológico. Sabemos que os recenseamentos escondem o verdadeiro tipo da maioria dos brasileiros.

Quem estuda, às vezes, é suspeito, e quem é estudado. Estamos ainda como estávamos. Mas, a verdade é: **somos um povo mestiço de três troncos** (e não de dois, apenas).

Que Euclides não era nenhum ingênuo, neste particular, prova-o o fato de sempre falar em mestiço e sempre querer refundir e aperfeiçoar seu livro máximo. Eu conhecia, já, desde a sua publicação, a conferência de Artur Ramos, em São José do Rio Pardo. Conhecia-a, porque todos os trabalhos da "Casa de Euclides" aqui vem ter. Somos um só corpo e uma só pensamento, quanto a isso.

Com pesar, devo confessar-lhe que tinha sido convidado, mas quando soube que o conferencista era o detrator (desculpe a expressão que usei na época), cancelei a viagem. Pensei comigo: "o que Artur Ramos disser, no local da cabana de Euclides, não terá muito valor, precisamente por não ser sincero".

Mais tarde, recebi o impresso, que me dizia, exatamente, o que fôra lícito esperar. Ontem, o ataque, hoje, a exaltação!

Enfim, antes a retificação, que agora aceito, do que a injustiça.

Também, recebemos os exemplares da "Revista do Museu Paulista", gentileza do Prof. Herbert Baldus. Têm eles razão quando dizem que a crítica deve ser bem serena e ponderada. Procurarei seguir-lhes o conselho em meu livro "Ameríndios e Africanos", em que já não haverá palavras pesadas, mas, simplesmente, documentação, fotografias, etc., como as que acompanham a presente. Procure ler o verso, que encontrará muita coisa interessante. Deante do que fica dito, não vejo motivo mais para o entristecimento do amigo, tampouco para pôr-se assustado,

deante do que teve ocasião de ler. Sem mais assunto, espero que se não ofenda, igualmente, por nenhuma das expressões desta. Abraça-o, cordialmente, o amigo e admirador de sempre

Faris Antonio S. Michaele

P. S. — Pedro Américo, Carlos Gomes, Da Costa e Silva, Floriano e o Gal. Osório têm sido classificados como mulatos, em muitos dos livros dos tratadistas nacionais e estrangeiros, por culpa exclusiva de Artur Ramos. O primeiro a fazê-lo foi o referido Rodrigues de Carvalho, que por sinal, se mostrou reservado a respeito de Américo e Carlos Gomes. Mas, Artur Ramos, sempre apressado, não trepidou em incluí-los entre os afrobrasileiros, na edição americana de "O Negro Brasileiro", conforme me esclareceu o Dr. Donald Pierson, que se serviu da mesma. Quer dizer que lhe devemos mais algumas gafes em antropologia. Triste destino da nossa ciência, vítima da falta de honestidade dos pesquisadores brasileiros...